

Tragédia Leonardo Boiko

(Exercício de Literatura Japonesa III–2012
Prof.^a Shirlei Lica Ichisato Hashimoto
Proposta: “Tentar escrever como Akutagawa”)

1.

Os festivais da colônia da cidade tinham vários nomes—Nikkei Matsuri, Bunka Matsuri, Haru Matsuri, Nihon Matsuri—mas eram sempre iguais. Na Praça Japonesa, as carpas eram como pinturas abstratas de laranja e prata contra um fundo feio e escuro da água esverdeada. Os empregados montavam o palco pela manhã, e antes de mais nada subia nele o pessoal do grupo de taikô, que tocava uma única marchinha de dança *bon* repetidamente por uma hora ou mais. Depois vinham os praticantes de karaokê, notoriamente as duas irmãs já não tão crianças que desde sempre cantavam uma canção pop sobre UFOs, e depois o rapaz que cantava *Hakkun no Shiro*, de Hikawa Kiyoshi. Depois, meia dúzia de equipes de artes marciais, em coreografias nem sempre convincentes, e por fim os tambores voltavam para mais uma longa rodada da mesma canção *min'yô* do começo.

Bruno pensou que a regularidade cíclica dos *matsuri* era folcloristicamente apropriada, ainda que não-intencionalmente. Bruno sempre se distraía pensando coisas do tipo; logicamente, ele não era um dos ajudantes mais úteis na barraquinha de macarrão *udon*. Felizmente, o grupo dos alunos *kendô* atrás do balcão era grande o bastante para que isso não importasse. Revezando-se em papéis coordenados, eles não tinham grandes problemas em dar conta da massa de mauricinhos entediados que comparecia em todo *matsuri*—sempre as mesmas pessoas circulando nos tons típicos sulinos em um arco-íris escuro e apagado:

cinza, marrom, ocre, preto, cinza, marrom.

Nestas condições, era impossível não olhar para os fãs de anime—os *otaku*, de fantasias berrantes e cabelos esdrúxulos, que a maioria dos presentes considerava absolutamente ridículos mas que eram secretamente apreciados como a única quebra na monotomia. Parecem *tabigeinin*, pensou Bruno, comparando-os (sem muito vigor) com os atores-viajantes do Japão antigo, desprezados no dia-a-dia, acolhidos em dias especiais.

Alguns otakus reagem aos olhares com embaraço, contradizendo a própria aparência. Não Hiroshi. Sentindo-se perfeitamente natural e de bom humor por estar no centro das atenções, ele se movia com a tranqüilidade e graça de uma andorinha plainando em uma corrente de ar quente. Hiroshi vestia um terno justo preto—moda atualíssima no Japão, inacessível ao otaku médio—botas com saltos provocantemente altos, gravata de seda violeta, lentes de contato azuis, e—como que enquadrado pelo conjunto—cabelos violentamente cor-de-rosa. Era mais ou menos inevitável que Bruno encarasse Hiroshi por um instante. Bruno, por outro lado, era só mais um no bando de barraqueiros de *hapi* amarelo, máscara de proteção e touca, deixando apenas os olhos visíveis, como um improvável árabe. Mas por qualquer razão Hiroshi devolveu o olhar, e sorriu um sorriso cínico.

Isso durou menos de um segundo. Neste intervalo, Bruno foi tomado de uma sensação forte e inarticulável, que deixou-lhe com a certeza de três coisas. Em primeiro lugar, que o otaku à sua frente era alguém raso, fútil, vaidoso, venenoso como uma cascavel. Em segundo, que ele próprio, Bruno, era bissexual. Em terceiro, que a partir daquele momento seria incapaz de ter sossego enquanto não tivesse aquele rapaz para si.

Eles começaram a sair uma semana depois.

Hiroshi, ao ouvir essa história, achou tudo incrivelmente engraçado.

2.

Ao contrário das demais academias de artes marciais, o grupo de esgrima japonesa—*kendô*—mantinha uma política de matrícula muito estrita; novos alunos só podiam ingressar no começo de cada semestre. O anime *Samurai X* estava fazendo muito sucesso, e isso trazia um grande influxo de jovens novatos a cada nova turma.

Os alunos antigos os odiavam.

– Por favor, Roberto-san...

– Roberto-**sempai**, respondeu ele, sarcástico, intimidando ao silêncio um menino pré-adolescente na primeira aula. No vestiário, Bruno tinha ouvido a conversa entre os veteranos *sempai*:

– Você viu a meia que aquela guria veio hoje?

– Bah.

– Nenhum fã de anime fica no *kendô* por muito tempo.

– Pois hoje eu vou ajudar uns a sair.

Isto é filosofia marcial, pensou Bruno, mas não se sentiu melhor. Quando encontrou uma brecha, ele procurou o rapazinho. É assim mesmo, disse, puxando sua voz professoral; no *kendô* não existe *amai*, não existe cuidar do outro, é esperado que você aprenda a não depender de ninguém, faz parte do treinamento, se demonstrar perseverança eles vão te respeitar eventualmente, e assim por diante. Contudo, mesmo no caso dos alunos que estavam há mais tempo, os *sempai* pareciam desprezar fãs de anime, jovens, meninas, e tipos modernos—esbarravam nelas de propósito, ou acertavam golpes fora da proteção, ou isolavam-nos no vestiário criando panelinhas. Mas depois que o aluno passasse por esse “treinamento infernal”, ele deve se tornar um *kenshi* melhor, pensou Bruno. Isto aqui é o *kendô* de verdade, afinal, não um McDojo qualquer que vende gradação pra quem quiser pagar.

Satô-sensei, o instrutor que acompanhava a aula inteira desde a faxina obrigatória no começo até a faxina obrigatória no final, não demonstrava ter qualquer problema com otakus ou com pessoas vestindo meias listradas. De fato, Satô-sensei não demonstrava nada. Seu rosto, perfeito e impassível, parecia antes uma pintura antiga de um oriental sábio ainda que moço, o uniforme impecável, a postura impecável, a

espada de bambu impecável cuja ponta se movia com a velocidade flexível de um chicote. Ele nunca falava nada além do necessário. Também não se manifestava sobre a relação entre os novatos e veteranos, de nenhum dos lados. Depois do treino ele guardava cada parte do uniforme em um bolso próprio de uma sacola especializada, importada do Japão, naturalmente.

Cerca de quinze a vinte minutos depois que Satô-sensei terminava a meditação inicial e começava o treino, a pequena figura de Nakamura-sensei surgia na porta. Ele nunca fazia nenhum barulho, mas um silêncio se espalhava em ondas pelo *dôjô* à medida que os alunos percebiam sua presença. Então todos se curvavam e o cumprimentavam ruidosamente—todos os gritos no kendô precisam vir do *hara*, do fundo do abdômen, lembrava Bruno aos ainda mais novatos que ele. Então Nakamura-sensei entrava no treino, e escolhia parceiros a esmo, sem se importar com tempo de casa ou nível formal (depois de mais de 60 anos de treino, todos nós devemos parecer iniciantes, pensou Bruno). Aquela foi a primeira vez que ele foi escolhido. O exercício de ataque inclui uma espécie de encontrão, o *tai-atari*, apoiado no cabo da espada; ele pode ser violento, e não era raro ver um aluno cometer o erro de tentar empurrar com o braço e acabar sendo arremessado ao chão. Bruno pensou que deveria pegar leve com alguém dessa idade, mas—quase caiu para trás; era como tentar empurrar uma parede. Tentou novamente, desta vez colocando no golpe todo o peso do corpo. Nakamura-sensei não se moveu um centímetro. Pasma, tudo o que pôde fazer foi dar seqüência ao exercício.

A próxima parceira, pelo ciclo, era Alice—uma moça ítalo-polono-alemã, atraente a ponto de atrapalhar a concentração, toda reluzente em sua armadura vermelha—depois de um ano de treino, ela tinha acabado de adquirir o direito de vesti-la. Os dois nunca haviam treinado juntos. Ela era jovem, pequena e magra, e Bruno novamente pensou que deveria pegar leve. Nova surpresa—os golpes de Alice, aparentemente sem esforço, tinham pelo menos o triplo de impacto e precisão que os dele próprio.

Bruno saiu daquela sessão com uma impressão extremamente positiva das técnicas do kendô. Se o preço de tais técnicas era agüentar o *bullying* de alguns *sempai*, então que fosse.

3.

A vida era boa para Hiroshi. Recém-saído da escola, ele não tinha pudor em não se preocupar com faculdade ou emprego. Sua mãe podia bancá-lo sem dificuldades por um bom tempo. Hiroshi acordava meio-dia, lavava as mãos, colocava as lentes de contato, e ia bater palmas para o pai. A família tinha um altar budista completo, cheio de acessórios brilhantes, que agradava bastante a Hiroshi. A foto do pai ficava proeminente no centro—ele não sabia direito os detalhes mas parece que o pai havia sido um figurão de uma seita ou algo do tipo. De vez em quando apareciam fiéis para venerá-lo em casa.

Hiroshi saía para o shopping vasculhar por roupas fashion—e sorria, e conhecia todo mundo, e conversava e mudava de assunto e de alguma forma saía com algo especial por um preço razoável. A loja estava de vendedora nova—ruiva de sardinhas, uma graça—e ele teve o cuidado de ser especialmente charmoso. Hiroshi podia agir como um homossexual estereotípico, para depois inesperadamente dizer algo macio e sedutor—e acabava saindo com mais mulheres em um mês do que o playboy hétero típico via em um ano. Realmente, a vida era boa.

Naquele dia, o guarda-roupa era para sair com seu brinquedo novo, Bruno. Hiroshi tinha um orgulho particular deste amante. Ele não ligava pra metade do que Bruno falava, mas o interesse de um intelectual de certa forma confirmava o seu próprio valor. E quando Bruno começava a ficar chato demais, era bastante fácil provocá-lo—um botão de camisa aberto, uma pausa bem colocada, um olhar inclinado e logo ele estava em cima. Hiroshi inicialmente se surpreendeu com a voragem inesperada do parceiro, mas brincar com ela era divertido.

– Vai me empurrar contra a parede, é?

– Não tem parede, respondeu Bruno. Eles estavam em um canto

obsuro de garagem, com uma arquitetura estranha e diagonal.

– Aqui tem uma.

Obediente, Bruno empurrava.

Depois eles iam para o elemento de Bruno—uma cafeteria hipster obscura escondida no centro da cidade. Hiroshi não gostava de café, mas Bruno sabia escolher umas combinações com creme e sorvete que eram divinas. E ele podia fumar, e Bruno não se importava.

– Eu acho totalmente sexy e charmoso.

– Mas eu sou mesmo, disse, esperou meio segundo, e abriu um sorriso amplo.

– Na verdade eu tenho inveja de vocês fumantes. Eu não teria coragem, tenho muito medo de morrer. Acho que deve ter sido precisamente por essa sensação de perigo que acabei desenvolvendo um fetiche.

E Hiroshi levantava da cadeira, olhava bem com seus olhos falsos, inclinava os lábios até quase tocar Bruno, e exalava, e Bruno, quase rindo da teatralidade toda, bebia do aroma de tabaco e pele perfumada como se fosse um licor exótico.

Eles saíam pela rua de mãos dadas. Sabiam o quanto chamavam a atenção naquela cidade retrógrada mas nem ligavam, eram os dois contra o mundo. Naquela noite um motoqueiro que passava virou o pescoço tanto que quase bateu. Hiroshi riu sua risada malvada, mas Bruno pôde perceber uma sombra de perturbação. O ponto do ligeirinho estava ocupado por um grupo de manos, e Hiroshi tinha adquirido um certo receio irracional daquela tribo. Como seria de se esperar, eles apontavam e riam. “Que é essa sacanagem”, alguém gritou. “Pega na bunda”, outro. Bruno disse: vamos para outro ponto. Hiroshi se enroscou em seu braço, sentindo-se vulnerável de repente. Bruno, calado, lembrava de notícias que pipocavam em pequenas colunas: neo-nazistas, linchamentos.

4.

Bruno era o aluno mais novo no grupo de cerimônia do chá; havia também Donaldo, engenheiro, já com vários anos de prática, e uma trupe de velhinhas japonesas imigrantes. Não haviam filhos de imigrantes, e as velhinhas periodicamente elogiavam Bruno e Donaldo por serem ocidentais e tomarem para si uma prática tão tediosa. Havia, é claro, uma nota de censura aos próprios filhos e netos, o que fazia Bruno se sentir desconfortável. Eu sou exatamente como eles, ele queria dizer. Não estou estudando a “minha” cultura, capoeira ou samba ou maracatu. Conheço uma nissei que é professora de ioga, vegetariana, já morou na Índia—meu caso é igual, fugi da minha cultura para o exótico. Claro que ele nunca dizia nada do tipo.

– Chave wo trouxe shimashita ka?

– Aqui desu yo, aqui.

Akiko-sensei era anciã, e parecia dormir durante os treinos. Mas sempre que Bruno errava algum detalhe, por menor que fosse, ela pulava de repente e—mão esquerda! Ou, feche os dedos! Ou, agora é água fria! O chá lembrava a Bruno uma seqüência padronizada ou *kata* de artes marciais, mas muito mais complexo e frustrante. Mesmo assim, ele gravitava cada vez menos ao *dôjô* e mais à sala de chá. O clima era diferente. Akiko-sensei nunca demonstrou o menor porém sobre ensinar jovens ocidentais, e não havia competitividade ou ostracismo entre os alunos. Toda dedicação era recompensada, e Akiko-sensei logo passou a ensinar japonês a Bruno, a levá-lo em restaurantes tradicionais, a emprestar livros. Para quem tem o “radar”, era evidente que Donaldo era gay, mas Bruno não sentia nenhuma atração por ele. Donaldo era excessivamente... *normal*. Ele sempre criticava as roupas de Bruno, o nó da gravata, a bolsa feminina demais, o calçado informal demais. Porém, ele sabia articular o chá de uma forma lógica, racional, diferente da experiência puramente prática das velhinhas; volta e meia ele rabiscava algo em um lenço de papel com uma letra perfeita e—tô, os nomes de todas as peças de carvão, ou o mapa dos passos nos tatami, ou as falas do diálogo formal sobre jarrinhos de cerâmica. Era uma grande ajuda.

Naquela quinta-feira haviam duas pessoas diferentes na sala; uma

mulher, e um menino. A mulher estava cheia de colares e anéis, e queria saber mais sobre o chá. Mas ela não parava de falar entusiasmada sobre chackras, meridianos, meditação e espíritos. Bruno queria dizer: não é nada disso, a teoria toda é exatamente o contrário, não há energias ou espíritos, só o concreto, o aqui-agora, a tigela de chá e o ser humano de carne e osso que a oferece para você. Mas ele não disse nada. Akiko-sensei ouviu tudo com atenção e polidez, e também ficou calada. Por fim a mulher foi embora, dizendo que voltaria outro dia para participar das práticas.

– Ufa, que mulher chata.

Foi o menino que falou. Chamava-se Roberval e devia ter uns 15 anos, cabelos nos ombros, nariz pontudo. Bruno logo deduziu que era neto de Akiko-sensei, ou seja, descendente de japonês de terceira geração. Mas ele não parecia se importar muito.

– Vó, essa coisa é muito chata. Cê tá dormindo, vó, não seja abobada. Deixa eu ir embora. Vó, vou mexer no meu celular.

Bruno queria gritar com Roberval. Você tem idéia do privilégio com que nasceu e que montes de japanófilos como eu jamais poderemos ter? Você sabe o que esta mulher faz, com quase 90 anos, trabalhando todo dia, manhã, tarde e noite, dando aula de graça para decasseguis, indo a eventos, tudo com o único objetivo de divulgar a cultura japonesa, por pura dedicação e por respeito à memória do falecido marido? Você não pode ter um pouco mais de respeito? Mas aí Bruno lembrou que no fundo ambos eram parte do mesmo movimento—a fuga pós-moderna do determinismo genético-nacionalista etc.—e não falou nada.

Os dois andaram sob as janelas da sala de chá, com Roberval puxando conversa. Ele queria saber se Bruno saía de noite e que ambientes freqüentava. Bruno começou a dizer que não gostava muito de discotecas e coisas do tipo, mas parou quando viu a expressão divertida do outro.

– “Discoteca”? Olha, ninguém mais fala isso, “discoteca”. “Discoteca.”

Roberval repetiu a palavra mais algumas vezes. Era como o deleite

de uma criança que conseguiu pegar uma mosca para arrancar as asas.

5.

Bruno pensou que estava no paraíso. Depois, pensou que isto era um clichê. Depois se sentiu ridículo por se preocupar com se uma expressão era clichê ou não naquela altura dos acontecimentos. Depois parou de pensar.

Rosa era como ela se chamava, uma colega do kendô, fã de anime, negra, de curvas difíceis de resistir e de uma energia impressionante. Era menos uma amante que uma força da natureza. Sua pele era excepcionalmente macia e suave, mas ela como que vibrava, fazendo Bruno pensar em terremotos e vulcões. Já haviam saído juntos algumas vezes quando descobriram serem ambos amantes/brinquedos/namorados de Hiroshi, o que tornou inevitável um encontro a três.

Eles estavam no banco de trás do carro de alguém; Bruno era o mais velho, e se sentia privilegiado e feliz. Entre os três não havia nada parecido com ciúmes, vergonha ou pecado, apenas luxúria intensa e brilhante como um raio de luz do sol ao meio-dia. As pessoas falam que o amor carnal é impuro e o platônico puro, disse Bruno, mas existe algo mais puro do que isto? Seu namorado e sua namorada sorriram ao mesmo tempo.

Eles estavam esperando um dos amigos de Hiroshi para entrar de graça em um clube qualquer, mas depois de algum tempo ele ligou avisando que não iria. O jeito foi voltar para a casa. Bruno havia sido apresentado à mãe de Hiroshi logo no primeiro dia—uma senhora brasileira não muito magra, fumante, que passava o dia tomando chá e ouvindo música. Ela parecia esconder algo interessante, mas Bruno não saberia dizer o quê. A sexualidade de Hiroshi era meio óbvia, e portanto a relação dos dois também, mas para alívio de Bruno a mãe não havia feito o menor caso—pelo contrário, parecia feliz com o interesse que ele tinha pelo filho. Mas, mesmo já a conhecendo, Bruno ficou surpreso que ela simplesmente se retirasse nesta noite e deixasse os três a sós.

Otakus verdadeiros, eles ligaram o Playstation e jogaram *Final Fantasy* enquanto o momento certo não vinha. Bruno de repente se tocou que estava dormindo na casa de um amigo e jogando videogames, e se sentiu de volta à adolescência. A diferença é que desta vez os sentimentos sexuais não seriam contidos. A tensão era palpável.

Hiroshi era um oriental, mais novo, de cabelo rosa, que cantava J-Pop em uma bandinha. Bruno era de tipo caucasiano, mais alto, intelectual, e pensava em si mesmo como um-dia-escritor. Só faltava um detalhe, então Bruno tinha descolorido o cabelo para amarelo. Isso tornava os dois um reflexo quase exato do casal protagonista de determinado mangá *yaoi*, do qual Rosa e Hiroshi eram fãs. Bruno lembrou de Akutagawa falando sobre se transformar em Julien Sorel. Quase a mesma coisa, pensou, rindo por dentro. Eles imitaram toscamente algumas falas do mangá, com Bruno tentando não rir enquanto fingia humilhar Hiroshi sobre suas letras de música. (Não que elas não merecessem.)

No banheiro, Hiroshi pediu a Bruno que vestisse uma peça de oncinha, absolutamente kitsch. Bruno quis recusar, mas pensou que se os otakus têm algum valor, ele reside precisamente na aceitação do ridículo. Vestiu, e foi prontamente beijado, enquanto Rosa aplaudia entusiasmaticamente.

Nenhum deles dormiu naquela noite.

6.

Ao contrário de outras academias, o grupo de kendô só permitia que os alunos vestissem a armadura (*bôgu*) depois que tivessem dominado bem os quatro golpes básicos—cabeça, punhos, tronco, garganta. A maioria das pessoas levava cerca de um ano para chegar a este ponto; Bruno, ruim em esportes, ainda não tinha conseguido a sua depois de um ano e meio, mas perseverava.

Masayoshi estava de armadura depois de três meses, e lutava de igual para igual com os veteranos. Ele tinha quinze anos.

Segundo boatos, para conseguir isso ele praticou centenas de gol-

pes toda manhã sem exceção, até internalizá-los. Na mesma época, Masayoshi também ficou em terceiro lugar no vestibular simulado da Federal, ainda no meio do segundo grau. O curso de sua escolha era Artes—ele desenhava de forma invejável. Baixinho, com a pele cor-de-cobre de Okinawa, ele tinha um ar afável de mistério, segurança e genialidade, que o tornava bastante popular entre as meninas.

Um dia Masayoshi veio ao treino com uma touca de lã em formato de urso panda, com orelhas e tudo o mais. Ao entrar na academia, foi literalmente cercado por mulheres aos gritos de “*kawaii!*” e “que fofo!”. Mas no vestiário, Bruno não conseguia deixar de ouvir os comentários:

– Puta coisa de gay.

– O Masayoshi é dessas coisas também? Putz.

Quando ele entrou, prudentemente já sem a touca, todos se calaram. Muitos viraram de costas enquanto se vestiam. Alguns disseram boa-noite, mas soou oco e forçado.

Masayoshi passou a sofrer esbarrões e golpes fora da armadura.

Bruno assistia aos treinos de ataque; os lutadores praticavam dois a dois, depois se rotacionavam. Em determinado ponto o lado dos atacantes ficou completamente composto por um grupo, e o lado dos defensores por outro. Foi então que Bruno entendeu que não havia meio-termo. Ou você pertencia ao grupo dos *sempai*—adultos que bebem cerveja, fazem piadas machistas e treinam competitivamente para ganhar torneio—ou você era agrupado com os desprezíveis otakus, e mantido isolado. Uma peça de roupa era suficiente para isso.

Satô-sensei chegou a reclamar com os *sempai* pelos maus tratos, uma vez, mas não surtiu efeito. Nakamura-sensei, alheio a qualquer sutileza social, continuava como sempre: escolhia um aluno, qualquer aluno, e o removia do mundo para um duelo privado. Para Bruno, esta era a melhor parte do treino de kendô.

Mas ao longo dos meses que viriam, Bruno pôde ver o “grupo dos otakus” ir gradualmente cedendo à pressão e desistindo. Alice, com seus golpes explosivos, e as gêmeas, que vinham todos os dias da semana e nunca faltavam, e a moça da meia listrada, prestes a ganhar a ar-

madura, e Rosa, que lutava animadamente. Masayoshi começou a faltar nas quartas, que era o dia em que vinha *XXX-sempai*, um veterano particularmente implicante. Depois começou a não vir nos domingos. Bruno o encontrou no ônibus certa vez e perguntou casualmente sobre o kendô. A turma não estava legal, disse ele, e muitos amigos saíram, então decidi sair também para me concentrar no desenho.

7.

Antes que a equipe começasse a se fragmentar, contudo, teve o Qualquer Coisa Matsuri onde, por uma só vez, Bruno pôde ver todos se apresentarem juntos. Depois, ele correu ajudar na barraca, pois mais tarde ainda participaria da apresentação de chá. Rosa e Hiroshi apareceram de braços dados para dizer oi; Rosa vestia um “quimono” azul-claro costurado por ela mesma (algo como um *yukata*, de algodão leve, mas excessivamente erótico), enquanto Hiroshi usava um casaco feminino vermelho e felpudo. Bruno trocou um beijo rápido com cada um.

Roberval assistia de longe.

Assim que os dois se foram, ele veio como um raio e perguntou:

– Mas a sua namorada não era outra?

Bruno respirou fundo e explicou que sim, tinha outra namorada, mas relacionamento aberto, e poliamor, e orientação sexual e assim por diante. Depois de terminar um discurso muito longo, ele ficou aliviado em perceber que o menino não parecia querer julgar ou condenar nada.

Duas horas depois, acabou a segunda rodada de repetição da única música de *bon odori*. Agora seria a primeira vez que Bruno participaria de uma apresentação de chá. Ele correu para a sala se vestir, e quando chegou lá encontrou Roberval contando para Akiko-sensei sobre Bruno, namoradas, namorados, relacionamento aberto, poliamor, orientação sexual.

Akiko-sensei ouvia impassível sem dizer palavra. Parecia que estava dormindo. Quando ele acabou, ela grunhiu algo e se levantou ainda calada. E continuou tratando Bruno da mesma maneira que sempre tra-

tou, e nunca tocou no assunto até o ano seguinte, quando a velhice finalmente tomou sua vida.

Alice havia entrado para o grupo de chá, e embora fosse novata, as velhinhas se animaram muito em vesti-la com quimono; pareciam ter retornado à infância para brincar de boneca. Bochechas vermelhas de maquiagem, foi levada ao palco quase como uma peça decorativa, e Rosa e Hiroshi assistiram abraçados enquanto ela tomava o chá servido por Bruno.

8.

No fim do ano o grupo de kendô foi fazer uma “demonstração perante os ancestrais do kendô” em um templo budista nos arredores da cidade. Rosa, que ainda não tinha saído do grupo, estava extremamente animada com a autenticidade dessa experiência—na verdade quase todos os alunos estavam, menos Bruno. Ele se sentia desconfortável com o fato que o templo não era simplesmente “budista” mas sim ligado a uma instituição religiosa japonês famosa por seu proselitismo, cultismo, por conexões com política de direita. Alguém como ele ir em tal lugar soava como uma espécie de sacrilégio. Mas, no amplo salão do templo, todos praticaram os treinos de ataque como sempre, e os sensei pareciam satisfeitos.

Depois da demonstração, todos foram convidados à festa de fim de ano na própria casa de Nakamura-sensei. Cada um levou uma comida, e a filha do professor preparou *kare raisu*, e de forma geral o ambiente estava muito agradável. Saitô-sensei fez um discurso motivador em português, e Nakamura-sensei em japonês; Bruno não pôde deixar de notar que o segundo foi destinado a “nós, *nikkei*, e nossa herança cultural”. Mas afinal, isso seria de se esperar em uma geração antiga de kendô.

O problema foi o que ele viu depois.

Bruno tinha ido ao banheiro, e no caminho passou pelo que deveria ser o quarto de Nakamura-sensei—uma sala tradicional completa com tatami e treliças de bambu nas janelas. Curiosidade provocada, ele olhou

com mais calma na volta e notou a bandeira na parede. Não pôde conter um calafrio.

Três caracteres caligrafados—boa mão, aliás, em uma letra energética e angular, deixando rajadas brancas por entre a tinta. *Tokkôtai*. Bruno se perguntou se mais alguém ali sabia o que aquelas três letras significam. *Tokkôtai*. Não o “Esquadrão de Ataques Especiais” da Segunda Guerra, mas o homófono “Esquadrão de Operações Especiais”. *Shindô Renmei*.

Bruno não acreditava nos ancestrais do kendô, mas por um momento teve a impressão de sentir um olhar milenar, reprovador e hostil.

Alguém como ele continuar no grupo pareceria uma forma de mentira.

9.

Hiroshi não conseguiu entrar na faculdade, e sua mãe tinha começado a pressioná-lo para começar a trabalhar. Sem experiência e com a aparência que tinha, ele teve poucas chances. Começou a passar ainda mais tempo em bares e shoppings, mas pescando uma vaga em algum lugar. Só que todo mundo dizia sabe como é, fofa, a economia, a recessão...

– Dá pra acreditar que ele fez uma bobagem dessas? Ele engravidou ela! Grávida!

Seu sarcasmo é mais amargo o normal, mas só depois de falar é que percebe que ele próprio é quem parece o iludido. O salão todo está olhando, mas de uma forma que Hiroshi não está acostumado: com pena. Ele não sabe como lidar com isso e acaba saindo prematuramente.

Hiroshi liga para Rosa:

– Sinto muito, gato, gosto muito de você, mas fiquei noiva agora. Não, ele é ciumento, não gosta dessas coisas. Também, tá certo, né, tem que cuidar do que é dele.

Ela ri, e ele se despede de qualquer jeito e desliga.

Hiroshi anda pela cidade, com medo dos manos, com medo dos neonazistas, com medo de não saber o que fazer da vida, de não ter valor, de não ter espaço. Enfim telefona para Bruno:

– Querido, eu vou para o Japão trabalhar.

10.

– Nosso grupo discutiu bastante, e decidimos que, se você quiser ir ao encontro de chá, precisa antes cortar esse cabelo.

Donaldo olhava impassível. Ele havia criticado desde o começo o tingimento, chamando Bruno repetidamente de “cabeça de fósforo”. Estava claro para Bruno que a “decisão do grupo” era por pressão de Donaldo. Sem Akiko-sensei como força conciliadora, metade das senhorinhas pararam de ir ao chá, e a outra metade não tinha autoridade ou resistência.

Bruno não foi ao encontro de chá.

Mais tarde, comentando o fato com uma professora de japonês, ela recomendou que ele usasse uma peruca. Bruno ia começar a rir, mas a professora disse:

– Você acha engraçado? Pois olhe pra mim. Está vendo os cabelos cacheados? Eu sou filha de japoneses, mas eles são naturais. Nossa família tem um tipo de cabelo incomum para a etnia. Quando minha mãe era jovem, isso era motivo suficiente pra acharem que ela era nissei, e ela não tinha voz nas assembléias. Por isso, começou a usar peruca.

Bruno pensou nos cabelos de anime, e nos otaku, e em Hiroshi na fábrica.

11.

Isso é tudo o que conheci dele, mas creio que seja suficiente para explicar o que aconteceu, não? Se eu culpo a homofobia, a xenofobia? Meu caro, essa resposta é simples demais, e respostas simples só podem dar conta de uma fração da verdade. Se importa se eu fumar? Obrigado. Escute: Hiroshi morreu de tudofobia, morreu de *vida*. Ele era como um

redemoinho de deleite e glamour, e esta sociedade é como um prédio sem janelas. Ele era como um pássaro mitológico, e a fábrica uma gaiola. Cortar os pulsos não foi uma tragédia e sim uma bênção, como o é pra uma centena de japoneses todo dia—a tragédia é que nós tenhamos criado um mundo como este. Uma vez eu disse pra ele que um dia iria corromper, distorcer, mentir e torcer nossas memórias para moldar um livro, e ele me disse: sim, faça isso e fique famoso pra eu poder dizer “já peguei”, e ele riu, e eu me intoxicava com aquela risada; é um prazer que nunca mais vou ter. Pelas suas perguntas, pela sua aparência e vocabulário, imagino que esteja representando um tablóide de quinta... Como? *Esse?* Ótimo. Se não achasse isso jamais teria conversado com você. Hiroshi não merece uma notinha insossa e piegas em um jornal classe média decadente. Espero que faça uma matéria sensacionalista e hiperbólica, toda colorida e apelativa entre fotos de mulheres seminuas; menos que isso seria desonrar a memória dele. Agora, com sua licença.